

# Entre o Naturalismo e o Animismo: um Estudo Etnográfico da Relação Galo-Criador no Sertão Sergipano<sup>1</sup>

Lucas Vieira Santos Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo principal apresentar os resultados de um exame etnográfico de uma rinha de galos, da cidade de Cedro de São João, em Sergipe. A partir disso, fazer uma breve discussão baseada em artigos de Philippe Descola, sobre a relação animal-humano entre o criador e o seu galo, e em artigos do Gertz e de outros antropólogos, a respeito do fator simbólico dessa relação. Assim sendo, compara-se esta relação peculiar com os quatro modos de identificação proposto pelo antropólogo: Animismo, Naturalismo, Analogismo e Totemismo. Com esse objetivo em mente, atacamos essa problemática com alguns procedimentos metodológicos, como a observação de algumas brigas de galos, assim como todo o processo de preparação pré-enfrentamento, realização de entrevista com dois galista que contactamos por intermédio de um interlocutor e a leitura de alguns textos que dialogam com o tema proposto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Animais; relações humanos-não humanos; briga de galos; Cedro de São João; etnografia; Sergipe.

## 1. INTRODUÇÃO

Em um curto artigo para uma prestigiada revista científica britânica, o antropólogo Phillippe Descola (2015), grande pesquisador de um tema que ele denominou modos de identificação, sugere uma maneira diferente de entender essa relação entre natureza e cultura que vai além das teorias totêmicas de Lévi-Strauss e de Radcliffe-Brown, ao perceber que essa distinção feita entre esses dois domínios, inerente em ambas as interpretações do totemismo, não é suficiente para entender a complexidade de relações em nossa sociedade. Dessa maneira, ele nos mostra por meio de dados etnográficos feitos em contato com povos indígenas, que “ao invés de duas imagens, uma natural e outra social (...) o que se obterá será uma única, contudo fragmentada, imagem socio-natural” (Descola, 2015). Partindo desse pressuposto teórico, pergunto: Quais os modos de identificação de uma relação animal-humano? Quais as categorias analíticas que eu devo usar para distinguir, qual o tipo de relação eu observo? É possível definir algum modo de identificação de Descola na relação galo-homem? Existe algum fator simbólico na relação entre galos e galistas?

Este artigo, de forma bem resumida, tem como objetivo principal apresentar os resultados iniciais de um exame etnográfico de uma rinha de briga de galos, da cidade de Cedro de São João, próximo à divisa entre Sergipe e Alagoas e a partir disso, fazer uma breve discussão, baseada em artigos de Philippe Descola, Gertz e de outros antropólogos, acerca da relação animal-humano lá observada e do fator simbólico dessa relação. Inicialmente, a rinha em tela foi visitada na companhia de dois alunos do curso de Ciências Sociais, junto com Prof. Dr. Ugo Maia, em outubro de 2013, onde procedeu-se um levantamento geral de informações sobre o funcionamento do campeonato interestadual que ocorre naquela região. Alguns anos depois, vendo que a pesquisa era importante para se entender a relação existente entre humanos e não-humanos que ocorria naquele local, o professor decidiu retomar o trabalho, só que dessa vez, me tendo como bolsista PIBIC. Desta maneira, com ajuda do aparato teórico e dos dados etnográficos, o artigo foi dividido em cinco partes, sendo as duas primeiras a descrição do trabalho de campo, onde conto com detalhe a etnografia feita no

<sup>1</sup> Este artigo deriva de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Ugo Maia Andrade (Departamento de Ciências Sociais – UFS).

<sup>2</sup> Aluno do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: Ephesus44@gmail.com

local da rinha; a terceira será a transcrição da entrevista feita com dois galistas; e as duas últimas, a discussão teórica mostrando a conclusão que eu cheguei a respeito dessa relação.

Figura 1. localização da cidade de Cedro de São João



Fonte: Wikipedia (2016)

## 2. GÊNESE

O primeiro contato com a rinha de galos, aconteceu no dia 03 de setembro de 2016. Nesse dia, eu e meu orientador Ugo Maia havíamos marcado de nos encontrar no Terminal Rodoviário Governador José Rollemberg Leite, às 06:30, pois, nesse período não tínhamos a possibilidade de ir com um veículo particular. Como qualquer viagem comum, não tivemos muita dificuldade, precisamos apenas comprar duas passagens e esperar sentados em frente a uma lanchonete enquanto o ônibus chegava para nos levar ao trabalho de campo. Depois de 20 minutos de espera, chegou o tão desejado ônibus, que por motivos burocráticos, teve que esperar mais 10 minutos para poder sair em direção ao nosso destino. Por não ter nenhuma ideia sobre a localização da rinha e também por não conhecer muito a região, Ugo preferiu entrar em contato com um ex-aluno do curso, Thiago<sup>3</sup>, nosso primeiro interlocutor, para nos encontrar perto da polícia rodoviária, onde de lá, ele nos levaria de carro até o local. Passando-se mais ou menos 2 horas de viagem, chegamos no posto policial e como prometido, Thiago, sem atraso, chegou e nos levou em direção a rinha. Ao entrarmos no carro, deparamo-nos com mais três passageiros, que seriam um primo e um amigo dele, os dois sócios nessa empreitada e que iriam naquele dia, tanto para assistir como também para participar do evento e o nosso passageiro tão inusitado, que era um galo combatente preso em uma gaiola e que segundo eles, era de bom porte e um possível vitorioso. Durante todo o percurso tentamos conhecer um pouco melhor sobre a rinha e sobre seu funcionamento mesmo na ilegalidade, e foi a partir desse momento, que pude perceber o início da nossa etnografia.

Diferentemente de como eu imaginava, fomos informados de que atualmente existe entre eles um movimento muito forte com a presença de profissionais e estudiosos das áreas de medicina veterinária e direito, com o objetivo principal de ajudar os galistas a enfrentar alguns problemas, tanto com o IBAMA, como com o cuidado que eles devem ter com a saúde do galo. Esse movimento, ou melhor, essa associação que foi feita entre esses indivíduos é conhecida como ANCRIB – Associação Nacional dos Criadores da Raça Índio Brasileiro, que segundo eles, colocar raça índio brasileiro ao invés de galos combatentes, foi uma tentativa de ganhar um maior apoio da população em geral. Depois dessa informação sobre a associação, fiquei curioso para saber como um evento que conta

<sup>3</sup> Pelo fato de estarmos trabalhando com um atividade não legalizada, os nomes dos interlocutores foram alterados a fim de preservar a identidade deles.

com a participação de galistas de todas as regiões brasileiras e às vezes até com participações internacionais poderia ficar escondido naquela pequena cidade sem que ninguém soubesse ou denunciasse, porém, eles nos informaram que mesmo sendo feito na ilegalidade a maior parte da população sabia o que estava acontecendo ali e não denunciava, tanto pelo fato de tomarem parte dos eventos como pelo fato de haver pessoas importantes também envolvidas.

Logo que chegamos, fomos direto ao encontro dos organizadores, mas como não poderia deixar de ser, observamos que havia um certo controle das pessoas que entravam por meio da cobrança de uma taxa de R\$ 10,00 reais, na qual ganhava-se uma pulseira de cor verde que era colocada no mesmo instante no braço. Após esse procedimento, fomos ao encontro de um dos organizadores, pois além do caderno de campo também iríamos utilizar uma câmera fotográfica e para não haver tensão no local, achamos prudente perguntar se poderíamos tirar algumas fotos. Infelizmente, mesmo nos identificando como aluno e professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e contando que o nosso objetivo ali era somente fazer uma pesquisa científica e não um relatório policial, foram postas algumas barreiras para o uso do instrumento multimídia, porém com muita insistência, um dos organizadores permitiu que tirássemos fotos de alguns galos de briga caso houvesse a permissão do galista. Após aceitar as restrições que ele nos passou, meu orientador tirou da mochila sua máquina fotográfica e começou a andar pelo local do evento, enquanto eu fazia o mesmo com o meu pequeno caderno de campo. Foi a partir desse momento que pude perceber uma mudança interessante na fisionomia das pessoas quando nos olhavam, pois, ao chegarmos, todos estavam sorridentes e brincalhões, porém, quando a câmera ficou a vista, foi como se estivéssemos invadindo o espaço deles, e até pior, como se fôssemos policiais que estavam ali com o intuito de prender todos que participavam; com isso, eles começaram a nos olhar com desconfiança e medo; percebendo isso, decidimos ir conversando aos poucos com os galistas, explicando nossa função e deixando a câmera um pouco menos a vista. No início foi até um pouco difícil, pois eles tinham medo até de se aproximarem; porém, com o tempo, foi possível tirar fotos da rinha com maior facilidade.

Ao caminhar pelo sítio, pude ter uma segunda opinião sobre sua estrutura, pois, diferentemente de como aparentava olhando-o por fora, por dentro, ele tinha um espaço consideravelmente grande, e para ilustrar de uma maneira mais fácil irei dividir a descrição do local em três partes. A primeira seria a área de lazer, onde encontrei duas lanchonetes que serviam os mais variados lanches - como pastéis, refrigerantes e espetinhos de carne, frango e queijo - dois banheiros, uma mesa de cimento e uma balança, onde ocorria um processo bem comum, chamado de parelha, uma pequena pia, onde muitos galistas molhavam o galo depois das disputas, e o mais interessante, uma pequena barraca que vendia remédios dos mais variados para o galo, além de alguns utensílios, como biqueira, uma bolsa para transportar o animal e bucha de proteção.

Figura 2. Rémedios utilizados pelos galistas



Fonte: Própria (2016)

Figura 3. Utensílios utilizados pelos galos (bucha de proteção)



Fonte: Própria (2016)

A segunda parte seria a área de contenção, onde pude perceber algumas caixas de madeira organizadas em fileiras, onde os galos ficavam repousando tanto antes como depois da briga; além disso, havia também um pequeno local reservado para uma conversa que o juiz, um médico veterinário e os galistas que iam disputar sempre têm. E, por último, a área do combate, onde ficavam três arenas de diferentes tamanhos, localizadas no centro do sítio, cada uma com um relógio digital diferente e, ao redor, um espaço reservado para o juiz, com algumas cadeiras para um público "especial". Depois dessa observação minuciosa do local, Dinarty me avisou que faltavam apenas alguns minutos para o início da primeira briga do dia; logo em seguida, sinalizando sutilmente com as mãos, ele me guiou até o local da parelha, onde pude ter uma noção melhor de como funcionava todo o processo.

### 3. O COMBATE.

Antes de iniciar a primeira disputa, os respectivos criadores com seus galos foram chamados pelo juiz para o lugar da parelha. Ali, os animais foram pesados e colocados paralelamente em cima de uma mesa de cimento, para se medir a altura dos dois simultaneamente. Felizmente, os dois animais tinham tanto o peso como a altura, relativamente próximos, o que fez com que os criadores aceitassem a disputa. Pelo que eu pude observar, os galos que iam se enfrentar eram escolhidos pelo porte e tamanho pelos próprios criadores, e levados até a parelha para confirmar e ver se a disputa era igualitária e, caso isso não se verificasse, tanto pelo fato de um ser mais pesado ou mais alto que o outro, o criador que estava em desvantagem tinha a possibilidade de desistir do combate. Porém, esse processo pré-enfrentamento não acabava aí; logo depois de aceitar a disputa, os galos

eram levados até o juiz, onde eram analisados e seus esporões eram lixados ou cortados para em seu lugar colocar o esporão artificial. Em seguida, os seus criadores se reuniam com o juiz e decidiam entre eles uma aposta em dinheiro que fosse boa para ambos. Terminando todo esse processo, os galos esperavam mais um tempinho e eram então, finalmente, levados para as arenas.

Figura 4. Galo no primeiro processo de parelha



Fonte: Própria (2016)

Figura 5. Galos no segundo processo de parelha



Fonte: Própria (2016)

As brigas eram divididas em três rounds, cada uma em uma arena – chamada localmente de “tambor” - diferente e com tamanho cada vez menor; quanto ao quesito tempo, as duas primeiras ocorriam em 20 minutos e a última em apenas 15 minutos. Quando questionamos o porquê disto, Thiago disse que era para facilitar o combate: fazendo desta forma o combate termina o mais rapidamente possível, pois quanto menor a arena, menor espaço para fugir do enfrentamento o galo terá. É importante salientar, que nesse evento existiam duas maneiras do animal sair vitorioso. A primeira, era dando um nocaute no adversário e ganhando a disputa antes do tempo estimado, e a segunda, era o criador adversário, observando que seu animal está em desvantagem e que irá perder, retirar seu galo da briga e aceitar a derrota. Caso o tempo chegue ao fim e não haja nenhum vencedor, a briga é considerada empatada. Durante a briga pode perceber que, além da aposta inicial, feita entre os dois criadores, acontecia um conjunto de apostas secundárias, isto é, extra-oficiais, feitas de forma totalmente aleatória por quem estava assistindo, sendo que nesse caso, o organizador do evento não se responsabilizava caso não houvesse o pagamento.

Neste dia, assistimos apenas três brigas, pois nossa proposta era ver a relação animal-humano que havia no local e não as rinhas em si. Com isso em mente, fomos juntos com Thiago atrás de alguns contatos para fazer uma pequena entrevista e conhecer um pouco mais sobre os criatórios. Felizmente, após uma intensa procura, encontramos dois galistas influentes na região dispostos a ajudar, um deles chamado João, também aluno da UFS, e o outro, um fazendeiro chamado Luís. Depois disso, decidimos que estava na hora de ir embora, pois o horário já estava um pouco avançado e ainda tínhamos que pegar ônibus, então, marcamos uma data com eles e ainda anotamos os seus respectivos números telefônicos. Alguns dias depois, entramos em contato com João, que se dispôs a nos ajudar marcando uma entrevista no dia 15/12/2016

Figura 4. Galo no tambor esperando o combate começar



Fonte: Própria (2016)

#### 4. TRABALHO DE CAMPO – ENTREVISTA

Quando chegou o dia de realizar a entrevista, eu e Ugo marcamos de nos encontrar em um posto de gasolina próximo da minha casa às 07:30, onde ele iria me buscar com o seu carro. Nesse dia, também entramos em contato com Thiago, que ficou de nos encontrar no centro da cidade de Cedro de São João, de onde ele nos levaria para a casa de João, lugar marcado para a entrevista e que não sabíamos ao certo onde ficava. Ao chegar na cidade percebemos uma movimentação muito estranha entre os cidadãos, pois todos estavam concentrados na quadra esportiva, que fica no centro da cidade, com isso, achamos que a nossa entrevista não iria acontecer naquele momento, porém logo fomos tranquilizados por Thiago que nos levou até a casa do entrevistado. Quando chegamos lá, fomos recebidos por sua mãe, pois naquele momento ele estava ocupado resolvendo um problema em relação aos seus galos, contudo não demorou muito e logo veio nos atender.

Iniciamos a entrevista com a pergunta mais simples possível e ao mesmo tempo de extrema importância, que era sobre as espécies de galos utilizadas na rinha, visto que o mesmo já nos havia adiantado que não eram todos os galos que participavam, apenas algumas espécies. Para esse questionamento, ele nos deu a seguinte resposta:

A espécie que usamos é o galo combatente nacional, que é fruto da miscigenação de duas raças puras, o Malaio, que são os de grande porte e ao mesmo tempo os mais fortes, e o Bankiva, que tem um porte pequeno e por esse motivo são mais rápidos, trazendo assim, o surgimento de algumas sub-raças. Existe também uma questão de gênero, pois só os galos são utilizados na rinha, deixando as galinhas somente para a procriação.

Continuando com a entrevista, perguntamos quais os cuidados os galistas têm com os animais, fator que, ao meu ver, é de extrema importância para começar a entender como é a relação entre o criador e o seu galo. Ele disse que :

Os cuidados são os seguintes: damos banho todos os dias, tosamos sempre que preciso, cortamos a crista e o couro para facilitar na briga e também por questões estéticas, alimentamos de forma regrada, uma vez por dia e na base de milho, verdura e às vezes frutas (como banana) e uma ração especial feita com semente, sem contar que utilizamos alguns remédios – suplementos, vitamina, anti-inflamatório. Ou seja, o que estamos fazendo aqui é a preservação da raça, pois medicamos, cruzamos, entre outras coisas.

Após sua resposta fiquei mais instigado a conhecer sobre o dia a dia desses animais, isto é, como eles passam o tempo fora das brigas, então, sem me distanciar muito do motivo pelo qual estávamos lá, fiz a pergunta. A resposta de João foi bem simples: ele afirmou que o animal fica quase o tempo todo confinado e só depois de tomar banho é que ele vai para o arejador, um local onde ele tem liberdade para correr, bater asas e ciscar

Depois disso, já ciente de que tínhamos a curiosidade de conhecer um pouco mais sobre como funcionava o criatório, ele nos levou até o dele, que ficava no quintal da casa. Não obstante nosso objetivo principal, ficamos curiosos em saber como é que aquela quantidade de animais, 17 ao todo, eram reconhecidos. Ele nos disse que:

Para reconhecer os animais, coloca-se um nome e quando não tem, usa-se uma espécie de plaquinha de metal para identificá-los. Nessa plaquinha contém os dois primeiros números da genética do pai e os dois últimos da genética da mãe e uma letra que é referência ao criador. Isso atualmente, antigamente cortávamos a unha do pé, como modo de identificação.

É importante enfatizar que, tanto o cuidado que eles têm para com o animal, como a maneira de identificá-los, são elementos muito importantes para se pensar a relação animal-humano nesta situação específica. Já satisfeitos com o andar da entrevista, pois foi muito enriquecedora para nós pesquisadores, fizemos então mais duas perguntas. A primeira foi sobre como funcionava o treino dos galos combatentes, explicada pelo entrevistado da seguinte forma:

Existem 2 tipos de treinos que ocorrem a cada 10 dias: o primeiro seria o treino de mão, que é uma série de exercícios para o desenvolvimento da musculatura. Já o segundo, seria a reprodução de uma briga, nesse caso com o uso de uma biqueira e de uma bucha para a proteção do animal. O segundo treino serve também como uma maneira de classificar os galos que estão preparados para as lutas e os que não estão. Os treinos são feitos pelos galos escoveiro, que só servem para treinar os galos de briga que vão para a rinha.

Já a segunda pergunta foi sobre como ele se sentia ao ver que seu galo estava perdendo a disputa. Para ele:

Quando o galo está brigando, ele está representando o seu criador e é por isso que o dono fica triste quando o galo entrega a vitória. É tanto que eu já cheguei a chorar de raiva, mas não pelo fato dele perder, mas por saber que ele poderia ganhar, mas acabou entregando a vitória.

Depois dessa última pergunta, ficamos satisfeitos, e para não incomodar mais, decidimos que já estava na hora de partir. Nos despedimos e fomos almoçar lá mesmo na cidade. Durante o almoço, Thiago nos avisou que Luis estava pela cidade com o seu primo e que poderia também nos conceder uma entrevista. Animados com a notícia, depois do almoço fomos para casa de Thiago esperar a sua ligação. Quando ele nos contatou, corremos em direção ao lugar marcado, onde ficamos sabendo que não poderíamos demorar muito, pois havia acontecido um problema no carro que precisava ser resolvido com urgência. Diante da necessidade de entrevistá-lo com rapidez procuramos ser o mais breve possível querendo saber somente duas coisas, que poderiam enriquecer ainda mais a pesquisa, e que seriam: quem podia participar da rinha de galo, ou seja, se havia alguma restrição por questões econômicas ou algo parecido, e se havia algum mercado em torno da rinha. Desmistificando algumas pré-noções, ele ratificou a ideia de que a rinha era um ambiente extramente masculino e acrescentou que não só pessoas humildes participavam, mas também lideranças importantes do estado, assim como alguns empresários. Continuando a conversa, ele disse que a rinha de galo movimentava um mercado entre os criadores e deu até um exemplo pessoal, pois em seu criatório, ele misturava as variadas sub-raças e vendia galos para todo o Brasil, chegando certa vez até a vender na Argentina. Finalmente, depois de deixar Thiago em casa, ficamos totalmente satisfeitos e partimos de volta para Aracaju.

#### 4. DESCOLA E A RINHA EM CEDRO.

Em seus textos, mais precisamente em Descola (1997, 1998 e 2015), o autor faz uma revisão conceitual das teorias que perpassam a Antropologia contemporânea. Assim sendo, ao produzir uma síntese das reflexões anteriores e ao trazer novas reflexões sobre o estatuto, a lógica e as relações entre os domínios de natureza e cultura, traz um acréscimo importante a teoria Antropológica. Sua preocupação, perpassando nas possibilidades de objetificação da natureza e nas formas de representação simbólica, o fez questionar sobre a diferença entre esses dois campos (natureza e cultura), que a priori, parecia uma obviedade.

Nesses textos, em particular Descola (2015), o autor percebe que um erro inicial em sua pesquisa foi tentar retirar “de processos relacionais materializados em instituições, propriedades ontológicas atribuídas a seres do mundo para posteriormente distribuí-las em categorias, ao invés de fazer o contrário” (DESCOLA, 2015, p. 9-10). Desde Durkheim, tal forma de fazer pesquisa antropológica foi normalizada, sendo Lévi-Strauss um dos poucos que tentou escapar dessa tendência. Assim sendo, dialogando com o seu orientador, Descola (2015) percebe que “as leis da mente que ele evoca são muito vagas para que esta derivação seja algo além de indutiva: exceto nas análises dos mitos, Lévi-Strauss sempre começa pelos estudos das instituições para depois avançar em direção ao intelecto, nunca o contrário” (DESCOLA, 2015, p. 10). Discorrendo acerca desse fato, o autor mostra que as ontologias existem antes das sociologias, ou seja, as relações sociais são subordinadas ao pensamento, aos esquemas ontológicos. Como foi dito por ele:

[...] senti a urgência de renegar os preconceitos sociocêntricos estabelecidos e supor que realidades sociais – i.e. sistemas relacionais estáveis – estão analiticamente subordinados a realidades ontológicas – i.e. os sistemas de propriedades que os humanos atribuem aos seres. (Descola, 2015, p.10)

Para tornar sólida esta afirmação, que na opinião do próprio autor, não tem nada de ortodoxo, ele irá beber um pouco das ideias de Husserl, dizendo que “se os homens tentassem experimentar qualquer forma de auto abstração abandonando a representação do mundo instituído e tudo que ele representa, o único recurso para auto avaliação que teriam disponíveis então seriam seus corpos e sua intencionalidade” (Descola, 2015, p.11).

Esses recursos ele irá chamar de fisicalidade, os dispositivo que permitem a ação física e interioridade, que está relacionada com a auto-reflexão, afirmando que “de acordo com a psicologia do desenvolvimento, a percepção desta dualidade é provavelmente inata e específica à espécie humana” e não só isso, podemos afirmar também, como o autor, que “[...] noções de fisicalidade e de interioridade parecem estar universalmente presentes, apesar da infinita variedade de modalidades, conexões e interações entre estes dois planos.” ( Descola, 2015, p.11)

Tendo essa reflexão como ponto de partida, teríamos então apenas quatro modos de identificação que explicariam todas relações entre humanos e não-humanos. Entendendo que “identificação” aqui é usada como mecanismo pelo qual o sujeito observa as diferenças e semelhanças entre si mesmo e os objetos do mundo, incluindo outros seres. Esses modos de identificação estão diretamente ligados à interação entre esses dois recursos, a fisicalidade e a interioridade, como mostra o quadro analítico abaixo. Logo, podemos concluir que:

“Nosso sujeito hipotético pode concluir ou que este objeto possui elementos de fisicalidade e interioridade análogos aos seus, e isso eu chamo de totemismo; ou que a interioridade e fisicalidade deste objeto são inteiramente distintas da sua, e isso eu chamo de analogismo; ou que este objeto possui uma interioridade similar e uma fisicalidade diferente, e isso eu chamo de animismo; ou que este objeto é desprovido de interioridade, mas possui um tipo similar de fisicalidade, e isso eu chamo de naturalismo” (Descola, 2015, p 12)

Quadro I – Modos de Identificação

ANIMISMO	TOTEMISMO
- Semelhança de interioridades	- Semelhança de interioridades
- Diferença de fisicalidades	- Semelhança de fisicalidades
NATURALISMO	ANALOGISMO
- Diferença de interioridades	- Diferença de interioridades
- Semelhança de fisicalidades	- Diferença de fisicalidades

Fonte: Caux (2007)

Com essas possibilidades de relações possíveis em Cedro, a pergunta que faço é: Quais desses modos de identificação poderão explicar a relação animal-humano existente na rinha pesquisada? Primeiramente, é preciso entender que essa resposta não é fácil de se conseguir e muito menos de se entender; Em seguida, tenho que enfatizar que tanto o analogismo como o totemismo estão de antemão eliminados dessa pesquisa, pois a etnografia feita não foi suficiente para relacionar esses modos de identificação com a rinha. Portanto, segundo o texto de Philippe, temos apenas duas relações possíveis, que seriam o animismo e o naturalismo.

O Animismo, como já foi mostrado anteriormente, tem como propriedade principal a percepção da subjetividade a plantas, animais e outros elementos do que chamamos de ambiente físico ou

natural, modo de identificação no qual é possível estabelecer “com estas entidades todo tipo de relação pessoal, seja de amizade, troca, sedução ou hostilidade, é por esse motivo, que “é dito que animais e espíritos possuem características sociais: vivem em aldeias, seguem regras de parentesco e códigos éticos, desempenham atividades rituais e trocam objetos.” (Descola, 2015, p. 13). Em outras palavras, nessa fórmula ontológica, “os humanos atribuem a (certos) não-humanos uma humanidade idêntica à sua: eles supõem haver uma continuidade cultural originária, diversificada através da descontinuidade natural [...]” (CAUX, 2007, p. 74). Analisando a rinha a partir dessas propriedades, podemos ver algumas coisas em comum, como por exemplo a atribuição de personalidade aos animais e a relação de troca.

Como pode ser visto nas entrevistas, os galos preferidos são “dotados de subjetividade”, pois independentemente de qualquer coisa, eles recebem um nome próprio, adquirindo assim uma certa personalidade; porém, esse não é fator principal, visto que nem todos os galos recebem nomes, somente os preferidos, e os outros recebem apenas uma marca para que não sejam esquecidos. Sobre-nos então, a relação de troca, que ao meu ver é totalmente diferente da proposta pelo animismo, pois, nesse modo de identificação seria preciso que o galo tivesse “consciência” e fosse dotado da autorreflexão, e, a partir disso, que ele pudesse fazer parte daquela sociedade como um ente igual aos indivíduos do grupo social ao qual faz parte, obedientes às regras sociais. Tais pressupostos diferem totalmente do que pude perceber em Cedro, uma vez que, ali, essa relação de troca é totalmente restrita à venda e à compra de galos, com a criação de um comércio paralelo à rinha.

Já em relação a Fisicalidade, ao observamos os discursos dos atores, percebemos que existe uma continuidade em relação aos humanos e não-humanos. Para os interlocutores, tais animais são sempre vistos como participantes de grupos taxonômico diferente do deles, como foi evidenciado nas entrevistas acima, porém, a partir de bases biológicas. Em outras palavras, “[...] todos possuidores da mesma substância natural, disposta em formas diferentes” (CAUX, 2007, p. 74). Dito isso, podemos afirmar que a relação existente em Cedro não é explicada pelo modo de identificação animista, pois, mesmo ocorrendo uma pequena adoção de subjetividade aos animais, por meio da atribuição de um nome, isso não é suficiente para supormos uma semelhança de interioridades; sem contar que, a noção biológica de evidenciar uma mesma substância natural (somos todos seres vivos) porém disposta em formas diferentes (Taxonomia de Lineu), mostra uma certa semelhança de fisicalidades.

O naturalismo, como o próprio Descola descreve:

“Inverte a premissa ontológica do animismo, uma vez que ao invés de afirmar uma única identidade para alma e uma diferenciação dos corpos, baseia-se na descontinuidade das interioridades e continuidade material. O que, para nós, distingue humanos de não-humanos é a mente, a alma, subjetividade, a consciência moral, linguagem e por aí vai, do mesmo modo que grupos humanos se distinguem por conjuntos de disposições internas que se costumava chamar *Volksgait*, mas que hoje nos é familiar sob o rótulo moderno de “cultura”. (Descola, 2015)

Em outras palavras, o naturalismo, oposto simétrico ao animismo, propõe a “semelhança das fisicalidades e diferença das interioridades e tem como paradigma a unidade natural e a multiplicidade cultural” (CAUX, 2007, p. 74). Analisando a rinha e comparando com esse modo de identificação, também sigo com as duas observações que fiz sobre a rinha a respeito do animismo: o fato de alguns galos terem personalidade e a relação de troca. Em primeiro lugar, como já foi falado anteriormente, os cuidados com os animais, a noção de que os galos preferidos não são vendidos e, ainda mais, a atribuição de personalidade a esses animais por meio do nome são características importantes para percebermos a atribuição de uma certa personalidade aos animais,

porém não é suficiente para dizer que existe, nesse caso, uma separação completa entre o universo da natureza (os galos) e o universo da cultura (os galistas). E, conforme já dito, a relação de troca aqui citada refere-se à venda e compra desses animais. Em seguida, no quesito fisicalidade, a percepção que os galistas tem da realidade que os cerca é a partir de um progresso científico das bases biológicas evolucionistas. E como já foi dito anteriormente, para os interlocutores tanto eles e os galos possuem uma mesma substância natural, porém disposta em diferentes formas. Em outras palavras, a essência da humanidade é a oposição à animalidade, isto é, para eles, mesmo os seres humanos fazendo parte da categoria animal, existe uma divisão entre animalidade (instinto) e humanidade (razão).

## 5. FATOR SIMBÓLICO

Dando continuidade, é preciso entender que dentro dessa relação animal humano não-humano, existe um fator simbólico, que em um primeiro momento foi deixado de lado por mim. Nesse sentido, pude perceber que mesmo sendo “coisificados”, a natureza da presença do galo nas relações sociais com os galistas, não é simplesmente de uso ou troca, isto é, vai além de uma possibilidade de obtenção de lucro, pois como nos disse um de nossos interlocutores: “Quando o galo está brigando, ele está representando o seu criador e é por isso que o dono fica triste quando o galo entrega a vitória. É tanto que eu já cheguei a chorar de raiva, mas não pelo fato dele perder, mas por saber que ele poderia ganhar, mas acabou entregando a vitória”. Desta maneira, fazendo uma analogia com o nosso referencial teórico, percebemos que o mesmo argumento pode ser visto da seguinte forma em Geertz(1989, p.293) :

“Da mesma forma que na América do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe, numa pista de corridas ou em torno de uma mesa de pôquer, grande parte de Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam”

Então, da mesma maneira como Clifford Geertz analisou a rinha de galo em Bali, onde o jogo era subsequente de uma disputa por status simbólicos que não interfeririam em nada na realidade, na rinha de cedro, foi perceptível que “o jogo não é o motor, nem o alicerce, para a continuidade dessa prática, mas que ela existe em razão da paixão de seus entusiastas, tanto no que se refere à rinha em si, como também em todo o processo de criação dos animais” (Misael, 2010, p.5). Pois, tanto o status de vencer a rinha como o cuidado que se tem pelo galo são de igual importância nessa relação animal humano-não humano. E até mesmo como explicita Rita Lírio(2010, p.5):

Sobre a mecânica da briga em si, em sentido raso, esta consiste em se pôr numa rinha (espécie de arena), para o cruel enfrentamento, dois galos gladiadores, ambos devidamente armados com seus esporões afiados com lâminas, espadas de pontas de aço, com quatro ou cinco polegadas de comprimento. A regra simples é um dos oponentes dar cabo do outro de forma inclemente, até a morte, valendo a premissa de que se o outro lutador ainda pode andar, pode lutar, e se poder lutar, pode matar. Sem contar que a “graça” desse esporte é saber qual galo morre primeiro[...] Tudo isso é acompanhado por uma plateia atônita, quase que em silêncio absoluto, cada um se movimentando, gesticulando, como se os animais fossem a extensão de seus próprios corpos, como se fossem eles que estivessem na rinha lutando até a morte.

E fazendo a mesma comparação que a autora fez com o Geertz (1989), é perceptível que em Cedro, “seguindo a comparação entre os dois embates, basicamente eles se assemelham no que tange à essência do esporte” (Rita, 2010, p.6) e até mesmo, a ideia de que o que está em jogo é o status

entre os galistas. Entretanto, diferentemente da conclusão que tanto Geertz (1989) como Rita (2010) chegam, na relação galo-criador em Cedro podemos perceber um valor material, que é a obtenção de lucro e um simbólico que é a ideia do galo representar o dono e que o jogo em si é também uma disputa por status.

## 6. CONCLUSÃO

Concluo que a relação animal-humano existente na rinha de galos da cidade Cedro de São João, Sergipe, é naturalista, pois, existe uma diferença de interioridades e semelhança de fisicalidades. Junto a isso, é necessário sempre levar em conta a objetificação do galo, pois, independente da relação que o galista tem para com os animais, os galos acabam sempre vistos como mercadorias, possibilidade de obtenção de lucro e, assim, podem ser "coisificados". E, além disso, é importante enfatizar que essa relação além de ter um valor material, que é a obtenção de lucro, tem um valor simbólico que é a ideia do galo representar o dono e que o jogo é também uma disputa por status. Tal definição não pretende ser conclusiva, ao contrário, ser o ponta pé inicial acerca da relação humanos e não-humanos no sertão sergipano.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE CAUX, Camila. DESCOLA, P. Par-de/à nature et Culture. Gallimard (Bibliothèque des Sciences humaines), 2006, 623p. *Revista Três Pontos*, v. 4, n. 1, 2007.

DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. *Tessituras*, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.

DESCOLA, Philippe. 1997. "Ecologia e cosmologia". In: Edna Castro & Florence Pinton (orgs.) *Faces do trópico úmido*. Conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: NAEA/Editora Cejup, pp. 243-261

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.

GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre as brigas de galos balinesas. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora LCT, 1989.

CORRÊA, Misael Costa. Alectoromaquia: Os galos de briga dentro da história ambiental. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, v. 23, p. 198-215, 2014.

CORRÊA, Misael Costa. Costumes Incomuns: A Rinha de Galos no Extremo-Oeste Catarinense.

DE OLIVEIRA, Rita Lírio. De Bali às Terras Grapiúnas: Representações Culturais nas Brigas de Galo, 2010.

SILVA, Renato Carvalho Santos. De Homens e Galos: um estudo antropológico sobre "um jogo absorvente" na região central do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.